

HEIDEGGER¹

Luís Gabriel Provinciatto (UFJF)²

lgprovinciatto@hotmail.com

Obra resenhada: NUNES, Benedito. Organização e apresentação: Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Loyola, 2016. 164pp.

A presente obra é uma coletânea de textos de Benedito Nunes (1929-2011), organizados por Victor Sales Pinheiro, e pode ser caracterizada como uma introdução ao pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), de cuja obra Nunes foi um dos pioneiros estudiosos no Brasil. Benedito Nunes possui uma extensa produção, destacando-se tanto pela sua escrita crítica quanto pela capacidade interpretativa, ou seja, o autor não se mostra somente como um recebedor da filosofia de Heidegger no Brasil, ocupando-se como um comentador, mas estabelece com as obras do filósofo alemão um diálogo crítico, propondo-se a compreendê-las em seu cerne.

A caracterização da presente obra enquanto uma intro-

¹ Recebido: 06-03-2018/ Aceito: 14-03-2019/ Publicado on-line: 05-10-2020.

² É professor adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil.

dução ao pensamento de Heidegger cumpre um duplo objetivo: 1) ser uma introdução em sentido horizontal, isto é, apresentando os principais textos e problemáticas do filósofo alemão ao leitor ainda não familiarizado com a mesma; 2) ser uma introdução em sentido vertical, de modo a conduzir o leitor ao interior do próprio pensamento heideggeriano, problematizando-o e extraindo dele alguns pontos fundamentais para compreender a questão central da filosofia desenvolvida por Heidegger, a questão do ser.

Percebe-se esse duplo movimento introdutório na disposição da obra: a primeira parte – *Caminhos e palavras* – se configura pelo caráter ensaístico dos textos. Os quatro textos aí compreendidos são curtos, típicos de ensaios, e utilizam uma linguagem clara e objetiva, sem recorrer ao uso excessivo de referências e citações. Essa primeira parte, de fato, dá a primeira panorâmica do pensamento de Heidegger e coloca o leitor a par da questão do ser, central ao pensamento de Heidegger, e entorno da qual giram algumas outras questões, tais como a da história, da técnica, da linguagem e da arte. A segunda parte da obra – *Metafísica do Dasein* – está composta por três capítulos de livros e uma conferência: são textos mais longos que os ensaios da primeira parte e, ao contrário daqueles, fazem maior uso de referências e citações diretas. Essa parte se mostra como fundamental para compreender o termo central ao redor do qual gira a primeira fase do pensamento de Heidegger: *Dasein*, que, diga-se de passagem, Benedito Nunes prefere não traduzir, conforme exposto no texto *A tradução de Dasein* presente na primeira parte da obra. A terceira parte do livro – *História do Ser* – reúne três artigos científicos e um

texto opúsculo – *O Nietzsche de Heidegger* (São Paulo: Pazulin, 2000) – e se caracteriza pelas referências a outros autores, destacando Nietzsche como uma referência fundamental para Heidegger e Merleau-Ponty como um desdobramento da filosofia heideggeriana. Além disso, essa parte trabalha com o encontro de Heidegger com a poesia e o problema suscitado pelo filósofo sobre a essência da técnica. Justamente por serem resultado de artigos científicos, os textos desta parte se apresentam como mais complexos e fazem uso de comentadores, o que pouco se vê na segunda parte e o que não aparece na primeira parte. Há ainda um *Apêndice* que reúne dois outros textos – *Heidegger e a política* e *O misticismo de Heidegger* –, ensaios publicados, respectivamente, em 1969 e 1971, nos quais Benedito Nunes apresenta dois temas marginais à questão central da obra filosófica de Heidegger.

Iniciando com ensaios e terminando com artigos científicos, a obra aqui apresentada, quando acompanhada em sua integralidade, exerce no leitor aquele duplo movimento introdutório acima mencionado. Essa é uma das qualidades dessa coletânea: dispor os textos de modo sensato para que haja uma introdução ao e no pensamento de Heidegger. Além de contribuir para os estudos sobre Heidegger em língua portuguesa, Benedito Nunes também auxilia no modo de escrita filosófica, mostrando ser possível falar e fazer filosofia de diferentes formas: ensaios, capítulos de livro e artigos científicos. E mais: o autor, após apresentar a centralidade do pensamento de Heidegger, ocupa-se com tal questão, não se perdendo na argumentação e, com isso, perfazendo um caminho sensato. Essa é outra qualida-

de dessa coletânea: identificar um fio condutor nos textos de Nunes e manter-se atento a ele.

Segue-se, então, os principais desdobramentos das três partes que compõem essa obra, bem como dos textos presentes no apêndice.

A obra se inicia com o texto. *A vereda heideggeriana de Benedito Nunes*, assinado por Victor Sales Pinheiro, no qual se encontram alguns dados biográficos a respeito de Benedito Nunes, menções às suas principais obras filosóficas e de crítica literária, bem como se deu a proximidade entre ele e a filosofia heideggeriana, de modo que “a afinidade aqui não significa uma simples predileção do estudiosos, mas uma sintonia no modo de compreensão filosófica do mundo” (PINHEIRO *apud* NUNES, 2016, p. 13). Além disso, o autor da apresentação faz questão de frisar que Nunes se ocupou na maioria das vezes com a relação entre a questão do ser e a questão da linguagem, entendendo-as como inseparáveis: atente-se a essa característica porque ela permeia toda a seletiva de textos porvindoura.

Os quatro textos que compõem a primeira parte da obra podem ser subdivididos e lidos sob a seguinte perspectiva: os dois primeiros – *Introdução à leitura de Heidegger* e *A sinfonia inacabada de Heidegger* – dão um panorama do pensamento de Heidegger e de sua recepção no ambiente acadêmico. Esses primeiros textos trabalham para mostrar as principais características daquilo que costumeiramente se denominou de Heidegger I e Heidegger II. Benedito Nunes, porém, pretende mostrar que para além da divisão está a eminente relação entre essas duas fases, conforme se pode notar a partir da publicação das *Obras completas* (*Gesamtaus-*

gabe) de Heidegger. Com isso, tem-se o posicionamento de Nunes frente ao pensamento de Heidegger: longe de cindilo em fases distintas, o autor o trata como um pensamento em construção. Dessa maneira, é possível chegar ao pensamento de Heidegger por diferentes vias.

Os outros dois textos que compõem essa primeira parte – *O esquecimento da fala* e *A tradução de Dasein* – já trazem aquela perspectiva de relação entre a questão do ser e a da linguagem. O ponto comum entre os textos: a indicação do termo *Dasein* como central para o pensamento de Heidegger, bem como a dificuldade de sua tradução. Por isso, tecendo alguns comentários à tradução do *Dicionário Heidegger*, de Michael Inwood (Rio de Janeiro: Zahar, 2002), Nunes já deixa clara a dificuldade da tradução e opta, conforme mostra o texto que encerra essa primeira parte, pelo uso do termo tal qual o original. Além disso, o último texto faz alguns apontamentos a respeito do problema de se traduzir *Dasein* por *presença*, termo que, de acordo com Nunes, eliminaria o caráter relacional implicado em *Dasein*. O autor indica que traduzir *Dasein* por *ser-aí* garante a ênfase ao *aí*, mas mesmo assim mantém sempre o termo em alemão.

A segunda parte da presente obra se ocupa com aquilo que Benedito Nunes chama de primeira fase do pensamento de Heidegger: a analítica existencial, que tem seu ápice em *Ser e tempo* (1927), no qual a filosofia se identifica com a fenomenologia ontológico-hermenêutica. Nesse sentido, essa parte da obra traz algumas características da analítica existencial, logo, aqui se encontram textos centrais para compreender o termo chave dessa primeira fase: *Dasein*. No entanto, Benedito Nunes não se ocupa, a princípio, com a

simples apresentação dos aspectos ontológicos do *Dasein*, mas com a sua constituição no pensamento heideggeriano. Nesse sentido, os textos que compõem essa segunda parte flutuam entre algumas obras de Heidegger: justamente por não se deter em somente uma delas, o autor mostra que Heidegger está em confronto com a tradição metafísica e, por isso, encontra-se e se desencontra com ela em seus textos. Além disso, cabe perceber que Benedito Nunes deixa nas entrelinhas dos textos um apontamento sutil e fundamental: há uma continuidade, às vezes imperceptível, nos textos de Heidegger.

Justifica-se essa continuidade através de um ponto que aparece em todos os textos dessa segunda parte: a questão do tempo. Na verdade, o tempo é a peça fundamental para a colocação e compreensão da questão do ser. Nesse sentido, o texto *Experiências do tempo*, o segundo dessa parte, deve ser lido com especial atenção, pois ele se mostra como o texto chave dessa segunda parte da obra. Há uma continuidade em relação ao texto *Heidegger e Aristóteles* que o antecede: Heidegger está num movimento de ruptura-continuidade em relação à noção de tempo apresentada por Aristóteles, pois se, por um lado, Heidegger aponta que a noção trazida pelo filósofo grego é a base da compreensão vulgar de tempo, com a qual se deve romper para então se apropriar do tempo de maneira autêntica, por outro, há uma continuidade porque não se pode pensar a noção de inautenticidade sem a autenticidade; justamente porque elas estão num jogo é possível o encontro-desencontro com Aristóteles, logo, com a tradição metafísica.

À continuidade, os textos *Heidegger e Sartre* e *A ques-*

tão do outro em Heidegger ainda tangenciam a questão do tempo, embora se ocupem com outros pontos: o primeiro apresenta as divergências ontológicas entre Heidegger e Sartre, mas destaca que há um ponto de convergência entre ambos, a compreensão de História, que, por sua vez, fundamenta-se numa compreensão do tempo. No outro texto Nunes se ocupa em mostrar, brevemente, como a “questão do outro” é elaborada em Hegel, Husserl e Scheler, conduzindo-a até Heidegger, que a faz girar entorno do núcleo do *Dasein*. A proposta de Benedito Nunes é clara: circunscrever a principal diferença no modo como essa questão é tratada entre os autores. Sem abandonar a intencionalidade e a intuição, Heidegger não entende tal questão como um problema *epistemológico* da consciência, isto é, como se o outro fosse abordado na condição de *objeto* do conhecimento; o outro recebe, pois, o tratamento ontológico, condizendo, então, com o método fenomenológico-hermenêutico. A diferença, então, está na posição que o outro ocupa: antes entendido como uma questão epistemológica, agora como um problema ontológico. O outro, por isso, ocupa lugar na analítica existencial: “quem diz *Dasein* também diz ser-no-mundo, e quem diz ser-no-mundo também diz ser-com-o-outro” (NUNES, 2016, p. 77).

A terceira parte da obra possui dois fios condutores que interligam os textos entre si da seguinte maneira: o primeiro fio liga o texto *O Nietzsche de Heidegger* ao texto *Physis, Natura – Heidegger e Merleau-Ponty*; o segundo liga *História e ontologia (da essência da técnica)* a *Heidegger e a poesia*. A característica do primeiro fio: a relação de Heidegger com outros pensadores. Benedito Nunes, em *O Nietzsche de*

Heidegger, mostra Heidegger na condição de leitor e intérprete e em *Physis, Natura – Heidegger e Merleau-Ponty* o coloca na condição de principal referência, sendo lido e interpretado pelo filósofo francês. O segundo fio tem como principal característica a importância dada por Heidegger a diferentes temas – a técnica e a poesia – e como eles estão interligados à questão do ser.

Diante disso, a terceira parte da obra apresenta a segunda fase do pensamento de Heidegger, caracterizando-a como um amálgama de questões que convergem na História do Ser e, por isso, perfazem a história do pensamento metafísico ocidental. A seleta de textos apresentada nesta parte evidencia que a segunda fase do pensamento de Heidegger gira entorno às *Contribuições à filosofia (do acontecimento-apropriador)* (1936-1938), desdobrando-se também em seminários e conferências. Nesse sentido, autores e temas não complementam o pensamento de Heidegger, mas o integram. Em *História e ontologia (da essência da técnica)* dois pontos se evidenciam: 1) há um fio que liga a fenomenologia ontológico-hermenêutica com o período da História do Ser, de modo que há uma continuidade no pensamento de Heidegger e 2) a virada (*Kehre*) não significa um abandono, mas uma torção no próprio caminho, ao qual se somam novas perspectivas, temáticas e autores; a virada, inclusive, implica em um reassumir alguns temas sob nova perspectiva, o que não significa abandonar a perspectiva antiga, mas permitir que se chegue à questão do ser por diferentes vias.

A discussão a respeito da virada se estende até o principal texto dessa parte, *Heidegger e a poesia*, no qual se percebe a qualidade de escrita de Benedito Nunes seja pela sua ca-

pacidade de discutir o tema aí proposto, seja pela sua capacidade de adentrar profundamente no pensamento de Heidegger, mostrando a fina sintonia que há entre a primeira e a segunda fase de seu pensamento. Desse modo, a questão da linguagem e da poesia não podem ser pensadas somente como desdobramento do período da História do Ser. Essa problemática já se encontra no período da ontologia fundamental, mesmo que o encontro efetivo de Heidegger com a poesia e com a linguagem poética tenha sido seu último grande entrave filosófico. Em outras palavras: mesmo se iniciando em meados dos anos 1930 com preleções sobre Hölderlin, a relação entre pensamento e poesia – logo, entre pensador e poeta – acompanham Heidegger até seus últimos cursos e conferências, influenciando, inclusive, a leitura que o filósofo alemão tem dos primeiros pensadores gregos.

Há ainda um *Apêndice*, a respeito do qual se faz a seguinte nota: não parece ser ocasional a colocação de tais textos como um adendo à obra. Justifica-se: tendo em vista o desdobramento dos textos de Benedito Nunes, tanto a noção de uma ideologia política no pensamento de Heidegger – vide *Heidegger e a política* – quanto a ideia de um misticismo presente em sua filosofia – *O misticismo de Heidegger* – são algo à margem da filosofia desenvolvida pelo filósofo alemão. Isso não significa que tais temas não mereçam discussões; ao contrário: precisam ser melhor compreendidos para que não haja afirmações descabidas e que, por certo, prejudicariam a compreensão do projeto filosófico de Heidegger. No entanto, o que não pode ocorrer, enfatiza Benedito Nunes, é a equiparação de tais aspectos à questão do

ser, central à filosofia heideggeriana.

Nesse sentido, quando comenta a respeito da adesão política de Heidegger, Nunes não salva o filósofo, mas salva sua filosofia. O projeto filosófico de Heidegger, conclui o autor, não se justifica mediante os escritos políticos. De igual maneira, Nunes não nega a possibilidade de ligar o pensamento de Heidegger com a própria mística humana, embora o próprio autor não apresente nenhuma definição de mística, atendo-se à sua função: “em vez de categoria negativa, como limite último do pensar, o misticismo, desempenhando o papel de *eros* filosófico, será o impulso originário da filosofia empenhada em registrar o olvido do Ser” (NUNES, 2016, p. 160).

Por fim, os textos de Benedito Nunes aqui reunidos conduzem para além deles mesmos, fazendo com que o leitor se depare com a obra do próprio Heidegger. À tarefa de comentador, então, soma-se a de condutor, daí a ideia de uma introdução em dupla perspectiva: a princípio, Nunes conduz uma apresentação da obra de Heidegger – introdução no sentido horizontal – e, com o passar dos próprios textos, conduz o leitor ao cerne dos mesmos e, com isso, do próprio pensamento de Heidegger – introdução no sentido vertical. É fundamental que se siga o roteiro proposto por esta obra, à qual se recomenda a leitura, para que, de fato, o leitor se perceba introduzido ao e no pensamento de Heidegger. E mais: se perceba impelido para além dos sensatos comentários de Benedito Nunes, permitindo se encontrar com os textos do próprio filósofo alemão.